

DE QUEM ESTAMOS FALANDO? LEVANTAMENTO DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DA SEDE DO MUNICÍPIO DE LÁBREA/AM.

Elves Duarte do Amaral (1); Claudina Azevedo Maximiano (1)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM/Campus Lábrea)
elvesamaralduarte@gmail.com ; claudinamaximiano8@gmail.com

A pesquisa aqui apresentada é fruto do projeto de Iniciação Científica Júnior (PIBIC Jr.), realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *campus* Lábrea, no período de 2017 a 2018. O município de Lábrea está localizado no sul do estado do Amazonas, região tradicionalmente habitada por diversos povos indígenas. Dentre esses povos que habitam o município, existem alguns que mantêm um intenso contato com a sociedade “não indígena”, e outros com menos, ou quase nenhum contato, os chamados “Isolados”. Tendo como referência o Movimento Indígena, através da Federação das Organizações e Comunidades indígenas do Médio Purus (FOCIMP), que vem chamando atenção para questão da presença dos indígenas na cidade, destacando a questão da educação. Um dos motivos para que os indígenas se fixem na cidade é a busca por escola. Considerando essa questão a proposta desta pesquisa versou sobre a presença indígena nas escolas da rede pública municipal na cidade de Lábrea. Tendo como objetivo, a realização de um levantamento sobre os alunos indígenas, regularmente matriculados nas escolas da Rede Pública municipal, situadas na cidade, identificando o pertencimento étnico, suas comunidades de origem e sua Terra Indígena.

O estar na cidade provoca uma série de situações sociais que remetem a preconceitos e estigma sofridos pelos indígenas. A escola, por ser um espaço social importante, tem grande relevância na vida das pessoas. É o lugar onde crianças, adolescentes e jovens passam grande parte do tempo ao longo da semana. É também um *lócus* em que se apresentam situações específicas, dentre elas é possível destacar situações de preconceitos, que aqui destacamos a partir do registro dos próprios indígenas.

O preconceito aqui (na cidade) a gente encontra mais é dentro da sala de aula, por exemplo o que aconteceu com minha filha. Ela estudava na Escola Santo Agostinho. Como ela é indígena, as coleguinhas dela quando descobriram que ela é indígena, elas começaram a não brincar mais com ela, não fazer trabalhos de grupo, elas sempre excluíam ela. E chamavam de “cabocla velha”, “cabocla fedorenta”... estas coisas. Uma criança com 12 anos escutava isso, ela sentia vergonha e as vezes chagava em casa chorando” (FASCICULO: 2013, p.43)

A proposta da pesquisa foi buscar fazer a identificação dos alunos indígenas, no instituto de chamar atenção para a diversidade étnica presente nas escolas do município e pontar caminhos para uma reflexão sobre essa temática nas escolas da cidade. Como o título, “De quem estamos falando? Levantamento dos Estudantes Indígenas das Escolas da Rede Pública Municipal da Sede do Município de Lábrea/AM”, apresentamos a problemática da pesquisa. Iniciamos um processo reflexivo sobre a diversidade étnica presente nas escolas da rede pública municipal, através do levantamento de dados em que identificamos o pertencimento étnico dos alunos indígenas regularmente matriculados nessas escolas.

A inserção social, através do viés da educação pode ser considerada como uma das estratégias utilizada pelos povos indígenas no enfrentamento e fortalecimento das identidades coletivas, como afirma Almeida (2010), frente aos desafios que enfrentam no cotidiano. A ideia dessa pesquisa foi buscar identificar os sujeitos desse processo, isto é, fazer o levantamento dos estudantes indígenas, buscando apontar a presença de alunos indígenas nas escolas da sede do município. Além de identificar o povo, a pesquisa, também, destaca a questão da territorialidade identificando as Terras Indígenas e as comunidades de origem dos alunos. Situando a questão do pertencimento ético e a complexidade de relações sociais, nas quais esses alunos estão inseridos. E, a partir dessa prerrogativa tivemos como meta subsidiar a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, no sentido de possibilitar o início de uma reflexão sobre a diversidade étnica presente nas escolas da cidade de Lábrea.

A metodologia utilizada no processo de execução da referida pesquisa, teve como base as ciências sociais, utilizando o questionário como instrumento principal para a obtenção dos dados. Após o contato com os gestores das 10 (dez) escolas, situadas na cidade de Lábrea. Foram repassados os questionários, e cada professor de sala de aula, entregou para os alunos e pais para o preenchimento.

Ao todo foram entregues 219 (duzentos e dezenove) questionários que nos possibilitaram visualizar o povo, a comunidade e a Terra indígena a qual pertencem os alunos indígenas regularmente matriculados nas escolas da sede do município de Lábrea/AM. Foram identificados 179 (cento e setenta e nove) alunos indígenas, pertencentes a 62 (sessenta e duas) comunidades, 6 (seis) Terras indígenas e pertencentes a 7 (sete) Povos, assim identificados: Apurinã, Paumari, Jarawara, Banawa, Jamamadi e Arara.

A escola com o maior número alunos indígena é a Escola Municipal Francisca Gomes Mendes, localizada no Bairro da Fonte, bairro este vizinho à Terra Indígena Caititu. Sendo a maioria pertencente ao Povo Apurinã 61 (sessenta e um), 40 (quarenta) desses alunos residem na Terra Indígena Caititu. A maioria dos Apurinã, que vivem na Terra Indígena Caititu e na cidade, não são falantes de sua Língua. Há, ainda 14 (quatorze) alunos Paumari, a maioria vinda da Terra Indígena Paumari do Lago Maraha. Foram identificados 2 (dois) alunos Jarawara e 1 (um) Jamamadi, vindos da Terra Indígena Jarawara/Jamamadi/Kanamati. Estes três últimos povos são falantes de suas respectivas Línguas e estão em menor número residindo na cidade de Lábrea.

Na Creche Dona Penha Said, foram identificados 27 (vinte e sete) alunos, sendo todos Apurinã. Por ser uma Creche estes alunos estão na faixa etária de 03 (três) a 05 (cinco) anos. Na Creche Danilo de Aguiar Corrêa, estudam 8(oito) Apurinã. Na Creche Maria Madalena tem 14(quatorze) alunos, sendo 7 (sete) Apurinã e 7 (sete) Paumari. Na Escola Municipal Maria do Socorro Brito, identificamos 21 (vinte e um) alunos todos Apurinã. A Escola Municipal Presidente Vargas, também possui 14 (quatorze) alunos, porém, somente 4 (quatro) entregaram o questionário de identificação do povo indígena, sendo 3(três) Paumari e 1 (um) Apurinã. Na Escola Municipal Pastor José Reis, temos 9(nove) Apurinã e 3 (três) Paumari. Escola Municipal Filadélfia tem 8 (oito) alunos Apurinã. A Escola Municipal José Maia de Souza com 6 (seis) alunos Apurinã. E, por último a Escola Municipal Turma da Mônica com 10 (dez) alunos, sendo 8 (oito) Apurinã e 2 (dois) Paumari.

Frente ao exposto destacamos a diversidade étnica presente nas escolas da sede do município de Lábrea. A presença destes alunos indígenas, no contexto das escolas urbanas nos leva a problematizar até que ponto nas discussões pedagógicas das escolas da Rede Pública Municipal, as questões relacionadas à diversidade étnica são consideradas. A presença desses alunos indígenas provoca nos professores inquietações quanto aos planejamentos das ações pedagógicas, considerando o processo ensino aprendizagem? Como a questão da identidade étnica é trabalhada na escola? E a questão da primeira Língua, a Língua Indígena, como é trabalhada? Será que essas questões são consideradas nos projetos pedagógicos dessas escolas? E quanto à questão do preconceito, como isso é trabalhado na escola?

A partir desses questionamentos queremos produzir um processo reflexivo junto aos profissionais da educação que atuam nas escolas da sede do município para que considerarem a temática da diversidade étnica, um dado importante para as ações pedagógicas nestas escolas. Na tentativa de produzir um processo de valorização da identidade étnica e respeito às diferenças. Iniciaremos tal processo com a socialização dos resultados desta pesquisa para a SEMEC, escolas municipais e, também enviaremos para a representação da Secretaria Estadual de Educação, pois esses alunos a cada ano, ao seguirem as séries da educação básica, vão se inserindo na rede estadual de educação.

Na condição de aluno bolsista PIBIC Jr., fui motivado ao longo da pesquisa a, também, buscar um pouco da minha história e da minha família, e estou no processo de descoberta da minha identidade indígena. Sou do povo Banawa, do município de Canutama/AM, porém meus pais devido o sofrimento do período da borracha, não contaram para os filhos a nossa origem indígena, no intuito de nos proteger.

Na época em que eu tinha meus 20 anos, morava no município de Tapauá sofriamos muito preconceito por sermos indígenas. Meu bisavô não era indígena, mais se casou com uma índia brava. Daquelas que mordida, não falava com ninguém, não entendia nada do que meu bisavô falava com ela. Quando via alguém chegando de fora ela se escondia das pessoas por medo. Quando cresci, na época da borracha e da castanha ninguém queria fazer negócio com gente, porque a gente era índio. Chamavam a gente de velhacos, ninguém queria comprar nada de quem era índio. Os indígenas, para os brancos só servia como escravo para trabalhar na casa deles, era os chamados Coronel de Barranco. Trabalhavam de segunda a segunda. Sofriam preconceito até de nossos próprios parentes. Eles não queriam aceitar que tivesse sangue indígena correndo na minha veia. Por isso, nunca tinha comentado sobre a verdadeira origem da nossa família, tinha medo de vocês sofrerem. Hoje, me identifico como indígena Banawa, que era a verdadeira etnia de minha bisavó. (Evaristo,2018)

Diante da narrativa do meu pai, passei a pensar como os indígenas do rio Purus sofreram com o preconceito. Hoje, aos 19 anos, a partir dessa pesquisa começo a perceber a importância de chamar atenção para a questão indígena. Passo a entender a importância de fazer pesquisa e ajudar as pessoas a entenderem a importância de valorizar a sua origem e a diversidade étnica presente na região do rio Purus.

Sobretudo destaco que é preciso que nas escolas os professores dialoguem com os alunos mostrando a importância de se respeitar os indígenas, povos dessa terra. Apresentando que cada povo tem sua língua, histórias e tradições que precisam ser respeitadas e valorizadas.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Identidades, territórios e movimentos sociais na Pan-Amazônia. In: MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Populações: Questões de Terra na Pan-Amazônia. Belem: Associação de Univercidades Amazônicas, 2006.p.60-69

_____; SANTOS, Glademir Sales dos (Org.). Estigmatização e Território: mapeamento social dos indígenas em Manaus. Manaus: Projetos Nova Cartografia Social da Amazônia/universidade Federal do Amazonas, 2008.

ANDRELLO, Geraldo. Cidade do Índio, transformações e cotidiano em Iauaretê. São Paulo: Ed. UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NUTI,2006.

APARICIO, Miguel. Panorama Contemporâneo do Purus Indígena. In: SANTOS, Gilton Mendes dos (org.). Álbum Purus. Manaus: Edua, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: Sobre a teoria da ação. 11 ed. Campinas, SP. Papiros, 2011.

_____. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. (Org.) *A miséria do mundo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRUNO, Ana Carla. MENEZES, Thereza Cristina Cardoso. Nova Cartografia Social da Amazônia: Povos Indígenas do Município de Lábrea/AM: lutando por nossas terras. Manaus: UEA edições, 2013.

LIMA, Carmem Lúcia Silva. CIRINO, Carlos Alberto Marinho (org.). Moradores da Maloca Grande: reflexões sobre os indígenas no contexto urbano. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.